
CULTURA PERIFÉRICA NO JORNALISMO: análise da edição brasileira da Revista Rolling Stones sobre a visibilidade da música *rapper* no Brasil¹

João Pedro Donadel²
Pedro Alves Rezende³
Suzana Rosa Ataíde⁴
Antonio Sebastião da Silva⁵

Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT

Resumo

O artigo visa dar continuidade a pesquisa elaborada na disciplina de semiótica, do curso de jornalismo, da Universidade Federal do Mato do Grosso. Neste trabalho, há o aprofundamento na pesquisa sobre o recorte na busca de compreender de que forma a revista *Rolling Stones* edição Brasil revela os signos da cultura negra nas edições dos anos entre 2006 a 2017. Neste sentido, pesquisar como a cultura negra encontra sua espacialidade no sistema social nas publicações midiáticas. Neste ínterim estão questões econômicas e social. O corpus do trabalho trata da música negra, com destaque para o *rap*. Nesta perspectiva de análise, a visibilidade da negritude considerada, neste viés teórico como sendo parte da cultura periférica. A metodologia de análise diz a respeito semiótica cultural de Iuri Lótman (MACHADO, 2007).

Palavras-chave

Revista Rolling Stones; Música Rap; Cultura periférica; semiótica cultural.

Introdução

A pesquisa apresentada em forma de artigo deriva de trabalho apresentado na disciplina de semiótica cultural sobre “A análise crítica de mídias, qual realidade (ideológica, política, cultural) apresentada nas mediações dos signos?” estudada no terceiro semestre do curso de jornalismo, pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Aqui, no entanto, elabora-se um recorte mais aprofundado das edições da revista *Rolling Stones* no período 2006 a 2017, na busca de se identificar os artistas negros e

¹ Trabalho apresentado na IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro – Oeste, realizado de 13 a 15 de junho de 2018.

² Discente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), e-mail: donadeljp@hotmail.com

³ Discente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), e-mail: perdroar.agnus@gmail.com

⁴ Discente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Mato Grosso, (UFMT) e-mail: suzanarosa19@gmail.com.

⁵ (Orientador) doutorado pela Universidade de Brasília (UnB), professor do curso de jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e-mail: antoniosilva@gmail.com

rappers nesse tempo, e de que forma a revista fomenta o desenvolvimento econômico social da comunidade negra, no sistema social com sua hegemonia cultural.

Para isso tem-se as capas da revista *Rolling Stones* com artistas *rappers*, negros e brasileiros, do período indicado, como fonte principal e recebe-se orientações de alguns artigos e autores como Irene Machado em *Semiótica Cultural* e *Semiosfera*, Douglas Kellner em “A Cultura da Mídia: estudos culturais: identidade política entre o moderno e o pós-moderno”. E assim desenvolver de que forma a revista apresenta a cultura negra durante esse período citado, fazendo um recorte dos artistas *rappers* brasileiros, o que mudou com o decorrer desse tempo, o seu lugar no sistema social vigente e sua influência cultural no Brasil.

Analisa-se a história da revista, o contexto social em que foi criada e surgiu a edição brasileira, suas características e a forma como apresenta os personagens de capa, o contexto cultural e social em que são colocados dentro da semiosfera da revista (dando recorte aos artistas *rappers* brasileiros e negros). Apresenta-se os conflitos culturais entre periférica e hegemônica, suas linguagens e de que forma a cultura periférica obtém espaço dentro da revista.

Revista Rolling Stones

A revista *Rolling Stones* foi criada no dia 09 de novembro de 1967 nos Estados Unidos, segundo a matéria de comemoração aos 45 anos da revista, (Ed. 74, nov. 2012), ano em que o mundo vivia o auge da era *Hippie* e contracultura. Em que se tratava de um novo movimento social surgindo, uma inquietação na cultura, no período pós-guerra, na busca de prazer e liberdade, e condenando a guerra, como estuda (MAGNANI, J. G. 2000, p. 15-25). A *Rolling Stones* veio com uma proposta de espírito desbravador, não só para mostrar a música em si, que teve um papel fundamental na consolidação desses novos valores de contracultura, como destaca a revista (Ed. 01, out.2006), mas para dar voz, mostrar a atitude e ideias que essas músicas defendem.

Atualmente a revista americana tem edições em 15 países pelo mundo, incluindo o Brasil. Sua primeira edição brasileira foi em novembro de 1971 (Ed. 01, out. 2006) época em que o Brasil também se desenvolvia ainda mais na música e cultura, experimentando e conhecendo o mundo *underground*, uma cultura que foge dos padrões “normais”, conhecidos pela sociedade, não se preocupando em segui-los, e por isso,

criticados pelos movimentos culturais, comentado durante a matéria na revista (Ed. 01, out. 2006) e também pode ser estudado por (MAGNANI, J. G. 2000, p. 09-51).

Seu público alvo são os jovens, mas tratando de valores analisados dentro da revista, ela em si, atualmente, carrega os valores daqueles jovens dos anos 60 e 70, toda a filosofia daquela época de “rebeldes sem causa ou politicamente incorretos” segundo (CRISTOFOLETTE, M. 2011, p. 8).

Na análise das capas, do período estudado entre os anos de 2006 a 2017, se observa artistas da época da contracultura, personagens que estavam presentes no auge da era *punk*, ajudaram a fundir o movimento, com músicas fora do padrão hegemônico conhecido pela maioria, de cultura periférica. Artistas como; *Keith Richard, David Bowie, Rolling Stones, Iggy pop e Jim Morrison*. Mesmo o movimento não tendo toda repercussão e fama como nas décadas de 60 -70, a revista tenta trazer esses personagens para a atualidade, resgatando os valores daquela época.

Na análise dos critérios de noticiabilidade da revista *Rolling Stones*, da edição brasileira, os valores que saem na publicação revelam o que há de mais recente no mundo da cultura *pop*, destacando questões históricas e emblemáticas dentro da sociedade brasileira, como avalia (CRISTOFOLETTE, 2011, p. 07). Desta forma, a revista de origem estadunidense trata com destaque a representatividade negra, que tem sido um dos muitos assuntos discutidos na atualidade e o ponto central desta pesquisa.

Cultura negra na Rolling Stone

Embora, sejam marginalizados na cultura da mídia no Brasil, por se tratar de um produto de cultura negra e na sua grande maioria de pobres, o *rap* demonstra que vem conquistado espaço por meio das mídias, como pode ser verificado entre as entrevistas com os artistas, os quais foram capas da revista *Rolling Stones*, nas Edições Brasileira, no período de análise da pesquisa. Para assim difundir sua mensagem, revelando as diferenças entre cultura na mídia e cultura da mídia (POLICENO FILHO, M. L. 2008 p. 107-133).

Ao analisar as capas sob a ótica dos estudos culturais se destaca a expressão política em que o movimento negro carrega, permitindo aos seus representantes expressar sua indignação em relação à diminuição social que passam. Pois, conforme observa *Hall*, “A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades

individuais e coletivas e os sistemas simbólicos, nos quais se baseia fornecem possíveis respostas às questões: quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?” (2008, p.17)

A revista quando disponibiliza espaço para esses artistas em suas capas, está dando voz a uma minoria, em uma visão de semiótica cultural, sobre a representatividade da cultura periférica, com semioses nas fronteiras, envolvendo identidades culturais sistematicamente (ADRIANA. Et. al, 2007). No qual usam para protestarem e eles mesmos falarem da sua imagem, mostrar sua identidade e origem, fornecendo assim uma forma de resistência e originalidade no movimento.

Na semiosfera acontece um processo dinâmico entre o centro, no qual ocorre a autodescrição e o enrijecimento cultural, e a periferia, região de maior atividade semiótica, onde o contato entre culturas muito diferenciadas ocorre livremente. Na interação entre centro e periferia se dá a renovação, o surgimento de novas formas culturais” (ADRIANA, Et.al., 2007, p. 35).

Mas ao mesmo tempo em que fornece instrumentos para a resistência, deve-se lembrar que a cultura contemporânea também ajuda a reiterar as relações vigentes de poder (KELLNER 2001, p. 248). Fazendo com que desta forma o *rap* também se torne uma cultura de consumo, transformando facilmente em uma mercadoria, porém não deixando de se estabelecer contra um sistema de opressão e, atualmente, destacando o orgulho de suas origens, como retrata Emicida, um dos *Rappers*, capa da revista *Rolling Stones* em 2015. Segundo o autor, “os riscos são de redução da política para slogan clichês, ajudando a esvaziar a política que trate sofrimentos e lutas do povo, transformando a política contemporânea numa batalha de imagem e num tipo de fórmula digerível da mídia” (KELLNER, 2001, p. 249), ou seja, fazendo com que a imagem de artistas como esses destacados entre as capas se tornem algo mais voltado para produto, esquecendo da ideologia⁶ que demarcam seu espaço na sociedade contemporânea.

A proposta deste artigo é analisar com base em fundamentos da semiótica cultural, uma revista culturalmente famosa, a *Rolling Stones*, quando se trata de atualidade no mundo musical, de origem norte americana, conhecida e identificada por mostrar e dar voz a cultura *underground*. De que forma ela apresenta o empoderamento negro nas suas capas, destacando os artistas *rappers* brasileiros, os quais ganham visibilidade entre as

⁶ Como avalia Terry Eagleton, “Se as ideologias não são tão “puras” e unitárias quanto elas próprias gostariam de acreditar, isso ocorre porque, em parte, existem somente em relação a outras ideologias” (1997, p. 51). Desta forma, na sociedade prevalecem ideologias, com diálogo entre diferentes signos culturais.

mídias e meios de comunicação nos últimos anos, como lembra os próprios artistas durante as entrevistas e reportagens.

No geral, os meios de comunicação acompanham a transformação cultural de modo a dar visibilidade às culturas em conflitos, dentro de um espectro, em que há hegemonia cultural, mas com transformações ao longo do tempo, em processo de semioses, para novos símbolos culturais. Neste sentido, está a visibilidade negra que se destaca, como cultura periférica, nesses meios, com movimentos sucessivos, ensejando, assim, mudança de identidades sociais.

Neste sentido, o estudo da semiótica cultural nas capas da *Rolling Stones* com esse enfoque, cultura negra *rapper*, deverá se nortear com atenção as explosões culturais que ocorrem na semiosfera descrita por Iuri Lotman (MACHADO, 2007).

Na análise das edições da Revista *Rolling Stones* (2006 – 2017) a pesquisa definiu como seu corpus as edições que tiveram artistas *rappers* e negros com destaque nas capas. Edição 39 - 2009 com o artista *Mano Brow*; edição 86 – 2013 com os Racionais *MC's*; edição 109 – 2015, Emicida; edição 128 – 2017, Criolo; e edição 127 – 2017 com a única mulher *rapper* qual foi capa, Karol Conka. A questão que motiva este trabalho é entender nessa nova concepção teórica sobre o texto midiático, com enfoque na cultura, compreender de que forma a revista dá visibilidade ao sistema de signos culturais para modelização da cultura negra no Brasil. Além disso, entender como ela aumentou com o decorrer dos anos pesquisados, a forma como interfere na cultura e amadurece, definindo sua própria ideologia na relação com o sistema cultural hegemônico. Entre esses recortes procura identificar às características de opiniões nas capas, o espaço de fala, os enunciados dos artistas, cujas publicações, neste contexto, deem personificação aos cantores de *rappers* negros.

Signos culturais da negritude no jornalismo brasileiro

No ano de 2006, não tem nenhum cantor negro brasileiro entre suas edições, assim também prossegue em 2007; mas a frente em 2008 aparece Gilberto Gil, mas não seria o enfoque desta análise, tendo em vista que o artista Gilberto Gil aceita como pertencente à cultura hegemônica, e, mesmo que algumas de suas músicas tenham um teor político social alternativo, elas estão visivelmente presentes em uma cultura central do que periférica, nesta análise.

Em 2009, dois anos depois, em meios aos contextos sociais e polêmicas, o *Rapper Mano Brow* aparece em uma das principais revistas de música *pop*, com a seguinte matéria de capa: “Eminência parda” (Ed.39 dez., 2009).

O *rapper*, que na época estava passando por mudanças na imagem, conhecido por ser líder de seu grupo Racionais MCs, o qual trabalhava questões de violências sociais dentro das favelas e principalmente criticando a forma como era o trabalho da polícia dentro das comunidades periféricas. *Mano Brow* aparece na revista pensando na possibilidade de parcerias musicais futuras, enfatizando o amadurecimento político social, que obteve ao longo do tempo. A revista evidencia um músico que a sociedade brasileira não conhecia, apresenta um *Mano Brow* menos extremista do que era de se esperar (Ed. 39, dez. 2009).

De cor parda ("e raça negra"), *Brown* diz que os iguais a ele, mestiços, sofrem mais com o racismo do que os negros atualmente, pensamento que o inspirou a fazer a música “Homem Invisível” do álbum “Contra Nós Ninguém Será”, com seu grupo Racionais MC’s 2013. O assunto a respeito de racismo na sociedade e empoderamento⁷ negro, desde então, vem sendo mostrado pela *Rolling Stones*, como demonstra a análise. Neste sentido, na relação centro-periferia, a revista, de origem estadunidense dá voz a uma cultura periférica, com menos evidência midiática para o conhecimento da maioria da sociedade, na definição da hegemonia cultural.

Porém, esse espaço para artistas *rappers* brasileiros, a visibilidade para a cultura negra em si, foi evoluindo devagar dentro da revista, como pode-se notar durante a análise da pesquisa. Depois da matéria de capa “Eminência parda” (dez. 2009 - Ed. 39) com o *rapper Mano Brow*, a revista passa muitas edições para manifestar a cultura periférica novamente, mas precisamente 49 edições depois, três anos mais tarde. Neste sentido, seguindo com seus princípios de mostrar a cultura *underground*, porém não com frequência.

Depois da capa do artista *Mano Brow*, com “Eminência Parda” foram poucos músicos negros presentes na revista, mais precisamente três músicos negros, (abril 2010 – Ed. 43, com *Jimi Hendrix*; fev. 2012 – Ed. 65 com *Jimi Hendrix* novamente e out. 2012

⁷ Ação social coletiva visando conscientizar e potencializar debates sobre direitos sociais e civis, superando dependências sociais e dominação política dentro da sociedade, como retrata (ALVAREZ, M. 2006).

– Ed. 73, com Tim Maia) todos pertencentes a uma cultura central da Semiosfera, como descreve Irene Machado,

Semiosfera designa o espaço cultural habitado pelos signos. Fora dele, no entender de Lótmán, nem os processos de comunicação, nem o desenvolvimento de códigos e de linguagens em diferentes domínios da cultura seriam possíveis. Nesse sentido, semiosfera é o conceito que se constitui para nomear e definir a dinâmica dos encontros entre diferentes culturas e, assim, construir uma teoria crítica da cultura (MACHADO, 2007, p.16).

A próxima matéria aparece *Mano Brow* novamente, mas agora com seu grupo Racionais MCs. O título de capa é: "Os Quatro Pretos Mais Perigosos do Brasil" (Ed. 86 nov., 2013), tratando da questão do *rap* como produto cultural, além da luta dos músicos brasileiros contra o racismo. A rigor, o camisa 10 do Racionais MC's (se referindo ao *Mano Brow*) aparece defendendo o trabalho do quarteto como um "produto". A Rolling Stones, ainda que demonstre a tentativa de dar publicidade a banda faz destacar sua dúvida, como um grupo que não lança um álbum de músicas inéditas há mais de uma década, ainda arrasta grandes públicos?

Como resposta *Brow* afirma: "Não precisamos dos jornais ou revistas para mandar nossas ideias". Ficamos 20 anos resistindo a não ser uma banda grande. Éramos a banda do 'não tem': não tem site, assessoria. Agora tem. Saímos dos problemas". (Ed. 86, nov. 2013) revelando para o público da revista a forma como consegue sua fama, divulgando seus trabalhos entre as suas periferias, onde territorialmente vivem pessoas da mesma realidade que eles, as quais se identificam com suas letras, linguagem e códigos culturais. "O *rap* fez mudar muita coisa – ensinou o cara a não ter vergonha de onde mora, do cabelo e da cor" (Ed. 86 nov. 2013), avalia *Blue*, um dos integrantes do grupo.

A revista retrata um pouco da biografia dos Racionais MC's, como começou e as dificuldades, de forma a destacar algumas situações de acontecimentos extremos. Como, por exemplo, momentos em que andaram armados em seus *shows*, mortes de fãs durante as apresentações e até tempos de violência, em que trocaram tiros com a polícia. Durante a matéria *Brow* diz "Esperávamos o pior, que poderíamos cruzar com os 'nazis' (se referindo aos nazistas) e os polícias. Tínhamos essa visão de trocar [*tiros*] com os polícias, de igual para igual" (Ed. 86 nov. 2013).

Após 23 edições brasileiras, dois anos depois da capa do grupo Racionais MC's, a *Rolling Stones* dá destaque a outro personagem da música *rapper* brasileira, um artista de grande notoriedade para o movimento negro, por suas políticas sociais, críticas e

opiniões públicas causando polêmicas entre as mídias. Emicida, torna-se conhecido em reportagem com o seguinte título: “Força Negra”. (Ed. 109, set. 2015). A pose do *rapper* na capa é de intimidação, rapidamente se percebe na análise a revista vai tratar do empoderamento e visibilidade negra do Brasil.

Emicida retrata sua biografia, assim como os outros artistas apresentados, mas principalmente destaca a sua ideologia social e o que ele quer passar para a sociedade, essencialmente a sociedade negra. Busca explicar a relação entre negro e o branco, na sociedade moderna, com destaque para a realidade específica do negro pobre.

Explica como a política de empoderamento, independência e crítica social, presentes entre suas músicas, começou na vida. O *rapper* que se iniciou com batalhas de *raps* entre as ruas de São Paulo, trabalhando rimas sobre política social, criticando o fato de o filho de pobre não entrar nas universidades públicas, especificamente os negros, e entre suas rimas destacando suas opiniões sobre a abertura de cotas nas universidades públicas para a comunidade afrodescendente. Temas que o ajudaram a se intitular como Emicida⁸, provocando fortes debates sociais, como pode ser analisado durante a matéria (Ed. 109, set. 2015).

Atualmente essas questões sociais estão presentes em suas músicas junto com a origem negra, com processo de discriminação racial e religiosidade. Destaca em seus últimos álbuns, “O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui e Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa”. As batidas afro-brasileiras entre as melodias, letras e também a presença da religião afrodescendente mais frequentemente.

Além de suas políticas, a revista destaca, o amadurecimento do artista ao longo do tempo, a forma como lida com todas as críticas, fama e desenvolvimentos artísticos. “Tem duas formas de lidar com a vitória: ou você esconde ou ostenta. E nós já vivemos escondidos por muito tempo. Acredito que hoje eu tenho propriedade, força artística e maturidade para mergulhar nesse universo gigante do *mainstream*”⁹ (Ed. 109 set. 2015).

Não esconde seu pensamento a respeito das desigualdades raciais, que segundo ele existe na sociedade atual. O *rapper* também trabalha com o seguinte contexto, para o artista negro ter visibilidade entre a sociedade, para ter destaque e reconhecimento

⁸ Nome do artista brasileiro um dos representantes da cultura rapper brasileira, mistura de MC com Homicídio, pois era um Mc que matava seus adversários, outros rappers, entre as batalhas nas ruas de São Paulo.

⁹ Uma tendência ou moda principal dominante.

necessita de conhecer suas origens e amadurecer profissionalmente. Uma forma de fazer isso acontecer é ser dono da sua própria marca, conhecer sua política social o tempo todo, não ficar na mesmice.

Para isso, o *rapper* expõe admirar artistas negros como, “Jay Z, Puff Daddy, Dr. Dre, ”, porque esses artistas começaram a falar de empresa no início de sua fama. Isso lhe fez perceber que em algum momento tinha que virar um *business*. “Ia ter que ser, senão aconteceria o de sempre, neguinho fazendo música e em algum momento o dinheiro ia ter que vir de um patrão branco. Politicamente falando, é muito importante que o meu chefe seja preto, que é o Fióti¹⁰ (Ed. 109 set. 2015) diz Emicida.

Apesar de ter um negócio e uma carreira em expansão, o *rapper* desfaz a ideia de homem de poder. “Eu nunca fui artista aqui. Eu sou artista para as pessoas de fora, mas nós é tudo trabalhador aqui dentro, operários” (Ed. 109 set. 2015), conta.

O *rapper*, apresentado pela *Rolling Stones*, demonstra o seu lado humano, religioso, artístico e empresário – num diálogo com outra cultura dentro da semiosfera, a dos grupos econômicos. Como revela *Rolling Stone*, “menino” que não pede mais para entrar, tem suas músicas e versos famosos cantados por quem é de dentro e fora das periferias, promovendo parcerias com artistas como Pitty, Caetano Veloso, Vanessa da Matta e entre outros nomes de repercussão, no sentido da integração com a cultura hegemônica no Brasil. O cantor diz que mordeu um cachorro por um pedaço de pão (título do seu álbum) e agora trabalha na construção de um domínio, em que a máxima parece ser uma só: Os 4Ps “Poder Para o Povo Preto”.

É visível entre a revista *Rolling Stones* edição brasileira, a representatividade e visibilidade da música negra ganhando espaço, no decorrer dos anos e edições. A revista que começou a dar voz a uma cultura periférica *rapper* no ano de 2009, conforme exibido, mostrando-se um período extenso se considerada sua importância no universo editorial do segmento. Neste período, em destaque está a cultura do povo negro brasileiro, neste contexto, independentemente da sua cultura, hegemônica ou periférica, porém, como se nota não somente a cultura hegemônica prevalece, com destaque para posicionamentos e enfrentamentos culturais, revelando, como retrata os personagens da revista, aceitação pública com princípio de explosão de signos culturais nas fronteiras semióticas. Pois

¹⁰ Fiót (filhote, linguajar regional) é o irmão mais novo de Emicida e empresário dele. Juntos montaram o Laboratório Fantasma, empresa em que uma de suas equipes trabalha para elaboração edições das músicas e sua marca.

como analisa Machado, “são momentos de grande imprevisibilidade que levam ao florescimento de novas configurações no cenário das representações culturais. Muitas vezes são movimentações subterrâneas, quase invisíveis” (2007, p. 17). Neste sentido, na mídia, ainda que haja uma cultura hegemônica, o lugar do negro na sociedade ganha visibilidade, revelando um processo de mistura entre os códigos, em um processo de transformações culturais e sociais.

A mulher negra na Rolling Stones

A revista volta a abordar a cultura periferia em março (mês das mulheres) de 2017, edição 127, com o título “É o poder” apresentando a artista Karol Conka, a primeira mulher *rapper* negra a ser capa da revista *Rolling Stones* edição Brasil. Para debater, além da cultura negra na sociedade, mas também a posição da mulher. Depois de muitas edições recorrentes, a mulher *rapper* negra finalmente ganha visibilidade na capa da *Rolling Stones*, Karol Conka foi a escolhida.

As mulheres negras tiveram pouco espaço entre as capas da revista *Rolling Stones* edição brasileira. Entre o período de análise foram três capas com mulheres negras presentes, a primeira foi a atriz Taís Araújo junto com seu marido, também ator, Lazaro Ramos (Ed. 113, jan. 2016); depois a cantora Elza Soares (Ed. 130 jun. 2017) e a *Rapper* Karol Conka (Ed. 127 mar., 2017). Verifica-se a dificuldade da visibilidade feminina negra dentro da revista, que somente começou a aparecer nas capas em 2016, exatamente 112 edições se passaram na *Rolling Stones* para enfim aparecer uma mulher negra, começando por Taís Araújo.

Artista Karol Conka, é conhecida não só como a primeira mulher brasileira do *rap* a furar o *mainstream*, mas alguém que chegou lá sem aceitar imposições. Se orgulha de ter desenvolvido uma carreira sem “atalhos”, como define, se referindo ao fato de não ter pegado carona no sucesso de algum outro artista. “Tive muita ajuda, mas não estaria aqui se não fosse por mim”, afirma (Ed. 127 mar., 2017). Dizendo que obteve crescimento artístico por seus próprios esforços, sem a contribuição de grupos ou cantores famosos.

A matéria segue apresentando sua biografia, suas parcerias, sua relação com a família, filho, as primeiras noções de beleza negra, que aprendeu com a mãe na infância. No seu perfil definido pela *Rolling Stones* é retratado o percurso de construção musical, político e social. Destaca suas opiniões feministas e as dificuldades encontradas em

episódios de machismo, durante suas apresentações, *shows*, os quais serviram de formação social para o seu empoderamento. Essas ideias político-sociais e a busca por visibilidade da mulher negra empoderada está constantemente em destaque na reportagem, discutindo durante suas apresentações e letras. Como ocorre nas músicas: “Tombei”, “É o Poder” e “100% feminista” em parceria com a *rapper* MC Carol.

Nas fotos da *Rolling Stone* está sempre com um olhar e pose que revela signos de intimidação, como é mostrada pela publicação, nunca de submissão (Ed. 127, mar., 2017, capa.). As cores chamam a atenção, nas roupas, maquiagem, cor de cabelo. Cores quentes, fortes e marcantes como rosa, verde, laranja fluorescente gerando sentimento de pura qualidade, tríade semiótica de Charles Sanders Peirce (SANTAELLA, 1992), o primeiro, no processo fenomenológico, revelando sua estética que ilumina e gera emoções no público. Neste contexto, sem querer se estender, concordamos com Silberstein, “É preciso reiconizar a iconicidade [ícone, primeiridade] para que ela perca o rótulo de classificação estéril e seja vista pelo que realmente é: possível ruptora de regularidades, não uma regularidade estática (RUSSI, 2013, p. 103). Nesta pesquisa, a iconicidade revela a criatividade de uma cultura que se propõe novos signos para linguagem que expresse o emergir de novos códigos culturais, contra a cultura que se configura, ainda que provisoriamente, hegemônica.

A presença no samba entre o rap

Comparando com o período das edições anteriores, a representatividade negra aparece bem frequente dentro da *Rolling Stones* edição Brasil, tendo em vista que para se ter um *rapper* novamente em capa não demorou. A revista retoma a visibilidade dos signos da cultura negra no mês de abril de 2017 edição 128, destacando o personagem da música conhecido como Criolo. Com o título de matéria “Sonhos de Samba”.

A matéria mostra um artista sensível, que sempre se apresenta como uma pessoa calma, tranquila que gosta de misturar *Rapper* com Samba e fazer diferentes parcerias musicais com artistas brasileiros. O artista é Kleber Cavalcante Gomes, conhecido no mundo artístico da cultura *rapper* como “Criolo Doido”, depois somente “Criolo”.

A revista segue um texto representativo, no sentido de apresentar o trabalho do personagem, seu estilo musical, sua mistura de *rapper* com samba. Dando ênfase, ao processo de construção das suas músicas dentro do estúdio, suas inspirações. Resgata

opiniões do artista para explicar a essência de seu trabalho. Como descrito, sua produção “São canções sentimentais e urbanas, confissões ou casos que funcionam como interseção entre o imediatismo do *hip-hop* e as alegorias do samba” (Ed. 128, abr. 2017). Aqui há um pouco de distanciamento do teor político social, apresentados pelas personagens anteriores da música *rapper*.

Porém, a representatividade negra e questões políticos sociais ganha ênfase, quando Criolo descreve sua parceria musical com Emicida, em 2013. Solidificando um legado de expansão no *rap* que se torna evidente. Tem-se o *rap* ganhando reconhecimento com o sucesso *fashion* de Emicida, “ocupando” a São Paulo *Fashion Week*, com a LAB (Laboratório Fantasma, seu estúdio) ou com um disco de samba do Criolo.

O *rapper* Criolo é parte da restrita linha de frente do *hip-hop* nacional, um ser humano mais conectado com sua origem, como pode ser entendido na reportagem (Ed. 128, abril 2017). O artista com a música “Não Existe Amor em SP” eternizou o bairro paulistano onde cresceu, o Grajaú, transformando em hino a cidade natal, dando visibilidade nacional, por meio da música, mostrando a realidade do lugar, de suas origens e com suas diferenças sociais. Como conta o cantor na revista, “Me chamo Criolo e meu berço é o *rap*, mas não há limites para a minha poesia” (Ed. 128, abril 2017).

Tem-se a junção de dois estilos musicais de origem periférica, o *rap* e o samba, cujas fronteiras é modificada pelo artista. No conteúdo de suas melodias os conflitos sociais presentes no cotidiano da periferia, ainda que parte de uma das maiores cidades do Brasil, reconhecida também pelo desenvolvimento econômico e social. Conforme se verifica na análise, é a primeira vez que um artista do samba aparece entre as capas da *Rolling Stones* edição brasileira, ressaltando as misturas sígnicas das músicas, da periferia, onde há mais desorganização e transformações dos signos culturais.

Em resumo, de acordo com as cinco capas com rappers, é possível verificar que a revista retratou não só as questões político-social, mas o desenvolvimento, amadurecimento profissional que esses artistas-personagens obtiveram com o decorrer da carreira. O que eles tentam passar para a sociedade, a quem eles querem atingir. Mostrando um *rapper* que é estilo musical, de vida, crítica social, que conhece suas origens, é um desafio social, qual pode ser misturado com samba, tornando-se também um produto cultural da sociedade moderna.

É analisado durante a revista, a luta que o movimento negro revela, por meio dos trabalhos apresentados, a desconstrução e construção de ideias de um *rapper*

marginalizado pela sociedade. Neste percurso de geração de sentido para novos signos culturais, a revista permite, com as biografias reveladas para o seu público, a origem e a cultura na disputa de espaço com outros signos nas fronteiras contidas na semiosfera, neste contexto, o Brasil.

Tendo em vista isso a cultura analisada na revista *Rolling Stones*. os signos sinalizam o constante desenvolvimento social (semioses) produção de signos qual procura relacionar a linguagem, na periferia do sistema, com reflexo nas questões socioeconômicas, de formar as culturas, conhecidas e aceitas.

Considerações finais

Verifica-se na análise, do recorte das cinco matérias da revista *Rolling Stones* edição Brasil, que a representatividade negra dentro da revista passou por diferentes processos, incluindo mudanças na visibilidade dos representantes da música *underground*. Levando em consideração que o espaço da temática entre uma edição e outra diminui e o assunto representatividade negra vai ficando mais frequente, vendo que dezessete negros foram capas da revista, neste contexto. Destes, dose são cantores; oito brasileiros e cinco cantam *rappers*, e apenas uma mulher (Out. 2006, Ed.. 01; dez. 2017, Ed. 136).

Ressalta-se na pesquisa a evidente necessidade desses artistas revelarem a si mesmo, ordenarem configuração de sua imagem, definindo como quer que o público os veja. Sinalizando a realidade de marginalização e preconceito enfrentados durante suas carreiras artísticas dos signos da periferia.

Que esse conflito entre a cultura periférica e hegemônica, vem sendo destacado não só pelas ideias sociais e políticas dos artistas, mas constrói imagem de modo a retratar sua imagem no âmbito social. Para tanto, fazem uso de fotos, gestos e apresentações, de enfrentamentos com o centro cultural, nesta relação centro-periferia. É o momento em que o indivíduo consegue falar de si mesmo como marca, sendo um signo, se tornando um sentido a partir de sua linguagem, em processo de semioses, como retrata (SANTAELLA, 2004, p.168) .Um exemplo disso é o artista Emicida, que criou sua marca, com a frase “é noiz na rua” e hoje estão estampadas, nas vias públicas como grafites, e vendidas como camisas e bonés.

Apesar de a revista *Rolling Stones*, evidenciar as culturas fora de um modelo padrão e conhecido pela sociedade, a *underground*, o magazine não deixa de destacar a cultura hegemônica, sobretudo a norte-americana, seu lugar de origem, como pode ser analisado entre as 136 edições publicadas nos anos entre 2006 a 2017. Como podemos notar, muitas publicações tiveram como capas artistas dos Estados Unidos, mesmo sendo edições brasileiras. Porém, ainda, assim, permite destaque considerável à cultura periférica, concedendo voz aos personagens da cultura negra, bem como evidenciando os signos de sua imagem, inclusive destacando as ideais hegemônicas desconstruídas entre seus trabalhos, como pode ser visto nas edições (dez. 2009, ed.39; nov. 2013, ed. 86; set. 2015, ed. 109; mar. 2017, ed. 127; Abril 2017,ed. 128).

Portanto, signos da cultura periférica, neste contexto a música *rapper* brasileira, se encontra em uma semiosfera, com diferentes códigos e linguagens, estando em constante conflito cultural, por se tratar de uma cultura em busca de transformações e de novos espaços no sistema. Levando em consideração que todas essas ideias carregadas pelos artistas, não partiu de signos sem efeitos para mentes sociais, e sim de ideias anteriormente desenvolvidas em semioses para novas explosões e novas linguagem e signos os quais fazem originalizar outros (LÓTMAN, 1996, p. 23). Entende-se que essa linguagem e semioses apresentadas estão em suas construções político sociais, recebendo diferentes influências no qual ajuda na construção da imagem desses artistas *rappers*, definido um lugar na cultura brasileira em explosões culturais.

Referências bibliográficas

- ADRIANA, Et. Al. Semiosfera: exploração conceitual nos estudos semióticos da cultura. In: MACHADO, Irene (org.). **Semiótica da Cultura e Semiosfera**. São Paulo: Fapesp, 2007.
- CRISTOFOLETTE, M. **Além da indústria cultural**: Experiência da revista cultural Rolling Stones Brasil. São Paulo – SP, 2011, p. 01-12
- EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo: Editora Boitempo, 1997.
- HALL, Stuart. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Trad. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- KELLNER, D. **A cultura da mídia - estudos culturais**: identidade política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: Edusc,2001

-
- LÓTMAN, I. **Semiótica da cultura**, Madrid: Catedra, 1996, p 23.
- MACHADO, Irene (org). **Semiótica Cultural e Semiosfera**. São Paulo: Fapesp, 2007.
- MAGNANI, J. P. **O Brasil da Nova Era, Rio de Janeiro – RJ**, Ed. Jorge Zahar, 2000, p. 01 – 51.
- POLICENO FILHO, M. L. **Ver e Entrever a comunicação, sociedade, mídia e cultura: “Falcão” Cultura da periferia e o espaço na mídia**, São Paulo – SP, Ed. Arte e Ciência, 2008, p. 107 – 133.
- SANTAELLA, L. **O que é semiótica?** Rio de Janeiro: Ediouro, 1983
- SILBERSTEIN, Emília. Iconicidade. In.: RUSSI, Pedro (org.). **Processos Semióticos em Comunicação**. Brasília: Editora UnB, 2013.
- ALVAREZ, M. **“Empoderamento” A visão transpessoal do empoderamento como o primeiro passo para uma mudança de paradigma**, Rio de Janeiro – RJ, Ed. Fundação Cultural Avatar, 2006, p. 01-25.

Edições pesquisadas:

Revista Rolling Stones, edição Brasil disponível em:

Edição 01 - outubro de 2006- <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/1/a-primeira-versao#imagem0s>> Acesso em 30/03/2018 à 25/04/2018

Edição 74 - novembro de 2012- < <http://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-74>>Acesso em 30/03/2018 à 25/04/2018

Edição 39 - dezembro de 2009- <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/39/mano-brown-eminencia-parda#imagem0>> Acesso em 30/03/2018 à 25/04/2018

Edição 86 - novembro de 2013-<<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-86/racionais-mcs-quatro-pretos-mais-perigosos-do-brasil#imagem0>>Acesso em 30/03/2018 à 25/04/2018

Edição 109 - setembro de 2015 - <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-109/forca-negra#imagem0>> Acesso em 30/03/2018 à 25/04/2018

Edição 128 - Abril de 2017 - <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-128/criolo-sonhos-de-samba#imagem0>> Acesso em 30/03/2018 à 25/04/2018

Edição 127 – março de 2017 - <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-127/karol-conka-e-o-poder#imagem0>> Acesso em 30/03/2018 à 25/04/2018.